KLAXON

mensário de arte moderna

São Paulo

Nº

AGOSTO 15 1922

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
S. PAULO — Rua Direita, 33 - Sala 5

ASSIGNATURAS — Anno 12$000
Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda
Rua S. Salvador, 72-A.

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).
SNISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treillé, 3).
BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia — Avenue d'Amèrique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus collaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscriptos. — São nossos agentes exclusivos para annuncios os srs. Abilio Nobre Cruz e Antonio da Costa Boucinhas

SUMMARIO

CHRONICAS :

Antinous

(fragmento)

Episodio quasi dramatico

Cortejo. Desfile de automoveis. Gritos. Charivari. Bumbum dos tambores. Escravos de todas as cores curvados como canivetes. Espadas em branco que desfilam intermittentes e interminaveis...

A voz do orador

... o Sabio... o Construrtor. O Imperador constructor por excellencia. Aquelle que soube submetter toda a natureza ás suas ordens e ás suas leis. O Haussman, o Bumham, o Passos romano! O Sabio, o Constructor....

A multidão

Muito bem. Bravos. Apoiado. Apoiadissi....

A voz do orador

O constructor, o reconstructor, o guerreiro, o vencedor, o...

A voz do outro orador (ao mesmo tempo)

Sim senhores, o Imperador architecto. O Imperador artista. Vêde esta cidade monstro com seus edificios, seus arranhacéus, com suas ruas asphaltadas, com seus annuncios, com seus cinemas, seus cartazes... Vêde este palacio... (Aponta para um palacio que tem o aspecto de um formidavel queijo de Minas). Vêde a civilisação borborinhante que enche as nossas ruas, as nossas praças, os nossos boulevards, os nossos... Vêde tudo o que nos cerca. Tudo, tudo obra de um só homem. De um só cerebro.

Continua o cortejo. Duas fileiras de escravos, dobrados como canivetes estendem-se desde a porta principal do palacio até o Infinito. Por entre ellas passam automoveis de todos os feitios. Dois homens de preto conversam afastados da multidão.

O 1.º homem de preto

Espero o Imperador desde 10 horas. Serei recebido ás 16 em audiencia especial...

O 2.º homem de preto

(olhando para o sol)

Devem faltar poucos minutos para as doze horas. O sol marca o meio dia. O Imperador é pontualissimo. Deve chegar neste momento.

O 1.º homem de preto

O sol parece hoje uma grande senhora ingleza com oculos de aro de tartaruga, muito loura, muito vermelha...

O 2.º homem de preto

Parece antes uma dona de pensão olhando atravez de seu lorgnon...

O grande relogio do palacio começa a bater 12 horas. A' sexta pancada precisamente, a Cunnigham imperial. Abre-se a portinhola. O Imperador Adriano desce, de monoculo, mastigando um enorme havana apagado. Veste-se elegantemente — ultimo figurino de Londres. Simultaneamente abrem-se as portinholas dos outros automoveis e saltam figuras imponentes: ministros, homens de estado, congressistas, embaixadores extrangeiros, officiaes da missão militar franceza, etc...

Cortejo principal composto de numerosas pessôas entre as quaes Tiresias o feiticeiro, Sansone Carrasco, Guildenstein e Rosenkratz e o desembargador Ataulpho de Paiva.

O relogio acaba de dar doze horas. A multidão aclama freneticamente o Imperador Adriano. Vivas ao Senado e ao povo. Delirio. O Imperador Adriano entra no Palacio acompanhado de um sequito. Dois homens descem a grande grade de ferro que fecha a porta do palacio. Os escravos fazem uma manobra militar e retiram-se em ordem. A multidão, porém, ainda aclama o Imperador. Os oradores continuam a falar...

Sergio Buarque Hollanda.

AVISO IMPORTANTE — O enredo para commodidade da acção foi transportado para a actualidade.

3

La danza delle giornate

Grigie cariocas

mattinata
languida e pigra come una femmina
dopo una notte di orgia e di amore.
Tinnula e tifola pel cielo gravido
di negro nuvolaglie senza fine
la voce noiosa ed oca
della giornata che sorge
come un addio senza
il suo essenziale e doloroso significato.

La cittá muore di strazio
sapendo che allora comincia
a vivere le sue prime ore di lavoro...

Incomincia
prima fiocamente e poi con fracasso
la musica stravagante
del "jazz band" dei trams in fuga
al suono del gracidare
della voce delle automobili in corsa
schernendo, sghignazzando la gente
che cammina a piedi...

Danza violetta e gialla della rabbia
sul volto di chi lasció
le caldi coltri in quel momento.

4

Il pomeriggo é un languido vagar
per l'Avenida conservatrice
superba e riottesa come
l'ombra di noi stessi
in una splendida notte di luna.
Esposizione completa e bizzarra
di corpi di donna rutilanti
di colori policromi come
il programma di un music hall nordamericano
o come il serico mantello classico
dell'arcaico Arlecchino che solo ride
e non spannocchia filosofie idiote.

Danza della vanitá
scialba e rosea
della gente che vive nel bazar della vita
per amore allo snob ed alla posa:
una beffa alle tradizioni del passato.

Melanconia cupa e oscura
della notte carioca che discende
come una foglia morta, in autumno,
che vuol vivere sempre in aria
per non morire di accidia
cadendo in terra transcinata
dal vento e stazzonata dal tempo
e confusa nel mondo delle inutili cose.

Tristezza della cittá abbandonata
mentre il "bas fond" ride
col suo riso truce e livido
rossastro e orribile
come la ferita di una donna
che nell'amore trovó la piaga.

La notte fosca rugge
il suo urlo di tenebra e di spavento
mentre il cielo senza luna e senza nuvole
fugge, fugge, fugge,
come i sogni della nostra giovinezza
col frettoloso cavalcar degli anni.

Danza macabra e squallida
dei multiformi fantasmi
che temono la luce del giorno
e s'illudono di essere la luce della notte.
Danza ingannevole
come la voce della nostra presunzione.

Giornata tristemente grigia carioca
fatta di
fantasmi, ombre, figure, tratti,
mementi, attìmi, foghe, slanci ed atti;
spasimante come
un desiderio di donna insoddisfatto;
incerta come
la fiama della nostra speranza
che or muore ed or non muore;
ed attraente come
il mare nelle sue grandi ore di tranquillitá.

VIN. RÀGOGNETTI.

A mesma tempestade

I

Os relampagos chicoteiam com furia
os cavallos cinzentos das nuvens,
para chegar mais depressa á terra.

As trovoadas longinquas parecem
caminhões cheios de agua em disparada
por velhas ruas mal calçadas.

E o vento rasteiro,
vestido de poeira,
passa faminto como um cão,
farejando a terra.

II

A chuva já passou.

A noite limpida é um menino,
saindo detraz das montanhas.

E elle vem correndo, vem correndo,
alegremente,
todo molhado.

Os homens assombrados,
julgando-o perdido,
estavam já desanimados.

Mas elle vem correndo, vem correndo,
alegremente,
todo molhado.

Vem correndo... E, quando encontra
os homens cheios de olhares,
elle pára e estende os braços humidos,
e vae espalhando pelo céo,
cheio de orgulho,
os mil pedaços ainda moveis
da verde cobra phosphorescente
que matou na floresta, atraz das montanhas...

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.

SÃO PEDRO

Véspera de São Pedro...
Inda se usa fogueira na fazenda!
.....rojões, traques danças ao longe...

A Hupmobile na garagem...
Dentro dum mês, grande inauguração da máquina de beneficiar café, movida a electricidade.
Comp. Fôrça e Luz
de Jahú
Mattão
Brevemente telefónio
Comfort
Comfortably
Iluminação a giorno...
Só falta um galicismo!...

A caieira cantarola...
E aos pinchos
labaredas
a cainçalha das labaredas
rápidas
múltiplas
levadas pelo vento vertical...
Explode a fogueira
fagulhas no espaço
velozes
milhares
espuma de fogo
baralhando-se com as estrêlas...

Curioso!
Não ha Dona Marocas
nem vestidos de cassa
nem outros assumtos poéticos nacionais...

E' a noite papal de São Pedro
Faz um frio silencioso
Umas crianças
        traques
        saltos
        gargalhadas
derramando reflexos vermelhos
pelos braços, olhos, lábios, pernas, cabelos selvagens

Encravadas na escuridão
as estrêlas internacionais

O verso-livre milagroso da Via-Lactea

Um mugido assustado na várzea

Mais nada.
        O FOGO RUDIMENTAR.

MARIO DE ANDRADE.

Solitude D'étoiles

(INÉDITO)

A Emile Verhaeren, 1916.

Sous un drap noir, les étoiles sont mortes, et toutes les lumières des hameaux,

Etoiles tristes de la terre, pleurent leurs soeurs d'en-haut.

Comme elles sont perdues et solitaires, et comme elles sont veuves, ce soir,

Et mortellement en épreuve, ce soir, nos terrestres étoiles — sous le deuil du ciel noir!

9

Ces lumières perdues palpitent, d'une aile si flasque et pénible!

Ainsi des papillons détrempés par l'orage,

S'abattent sur les fleurs lourdes, en battant de l'aile, de leur aile lourde et mouillée.

Oh le poids liquide des larmes – est plus lourd que le poids de l'âge!

Le ciel est noir comme d'orage, et la débacle se déclare – en glas de pluie lourde qui claque,

Et qui clabaude et qui se plaque, – par gouttes larges.

Loin de vos soeurs d'en haut, comme vous êtes seules, – étoiles de la terre, o pauvres âmes!

Comme vous palpitez péniblement, lumières, phalènes de feu aux ailes mouillées – par cette pluie aux gouttes larges

Qui pleut sur vous, qui pleut en vous, comme des larmes!

Que chacune de vous est loin de la plus proche!

La mante de la nuit bordée de sombre orfroi – sur vous retombe, par longs plis, de tout son poids.

Votre battement d'ailes est lourd, est sourd, comme le battement d'une cloche, sous la brume au fond d'un beffroi.

La nue est noire, la nuit est sourde, et la pluie froide – houle a grand bruit.

Une heure vague tinte au beffroi de la nuit, et les lumières sont perdues – dans la croissance en deuil des brumes.

CHARLES BAUDOUIN.

Symphonia em branco e preto

A minha vida era um quadro negro.
Negro e triste. Sem mais nada.
Um dia ella chegou, pegou o giz e escreveu o seu nome n
quadro negro.
Eu achei lindo o nome della, assim tão branco sobre
preto.
Mas depois elle me fez mal: doiam na minha vista aquel
las letras, brancas demais, brilhando daquelle mod
no quadro negro.
Tive medo de ficar cégo.
Peguei a esponja e apaguei o nome della do quadro negro
Mas, continuando a olhar, eu via o nome della alvejand
ainda no quadro negro.
Quadro negro + letras brancas + quadro negro + letra
brancas + tontura + 50 × letras brancas.
Tive vontade de insultal-o.
Mas não tive coragem.
Já que era assim, peguei o giz e, descabellado, rabisquei
eu mesmo, com letras bem grandes, o nome dell
no quadro negro.
E o nome della, que apparecia então enorme, enchia tod
o quadro negro.
E deixei.
Hoje eu me lembrei de vêl-o.
Espreguicei-me. Bocejei. Fui vêl-o.
Apagara-se: não o vi mais no quadro negro.
A minha vida é um quadro negro.
Negro e triste. Sem mais nada.

DURVAL MARCONDES.

Paulicèa Desvairada

Convulsões telluricas
Esthesia
Fendas
Mario de Andrade escreve a Paulicéa
Nem o sismographo de Pachwitz mede os tremores do teu coração
Ebullição
Sarcasmo
Odio vulcanico
Tua piedade
Escreveste com um raio de sol
No Brasil
Aurora de arte seculo XX
Como na pintura Annita Malfatti que pintou o teu retrato
Cathodographia
Um momento de tua vida estampado no teu livro
Roentgen
Raios X
Mas ha todos os brilhos
Ar rarefeito de poesia
Kilometros quadrados 9 milhões
Tubo de Crookes
Os raios cathodicos de teu lyrismo colorem as materialidades incolores
Aquecimento
No tubo
Havia tambem uma cruz
Tua religião
Fluorescencia
Phosphorescencia
Não és futurista
Ha nos teus poemas raios ultravioletas
Torrentes de cores
Teu retrato
Teu livro
Porque o arco-iris é seu pincel
E é tua penna tambem

LUIS ARANHA.

Balanço de fim de seculo

ENSINAM nas escolas que, em cada seculo, ha cem annos. E' um absurdo! A idéa do seculo centennario só póde ser verdadeira para meninos que estudam arithmetica, para facilitar os calculos. E é talvez por ter esquecido, graças a Deus, toda a mathematica aprendida, que não posso acceitar que o seculo XVIII tivesse começado em 1 de Janeiro de 1700 para acabar em 31 de dezembro de 1799 á meia noite. Para mim o seculo XVIII começou em 1 de septembro de 1715, com a morte de Louis XIV, e acabou em 14 de Julho de 1789 com a tomada da Bastilha e o triumpho da democracia. O seculo XIX vae da Revolução franceza ao assassinato de Saravejo em Julho de 1914.

Ora, se já faz quasi dez annos que o fallecido seculo XIX está na escuridão do passado, podemos mais ou menos dar um balanço nos livros que nos deixou.

Um allemão, cujo nome esqueci, diz que foi a épocha do metal pezado. A nossa será a dos metaes leves; e a seguinte, se continuar a mesma progressão, cada vez mais leve, será, creio eu, a éra dos gazes, talvez asphyxiantes.

O seculo XIX foi o seculo da Intelligencia. Taine, o philosopho litterato, do alto do seu prestigio lança um livro, hoje envelhecido e falso, que toda a geração dos nossos paes devorou e digeriu mal. Nunca se escreveram tantos diccionarios, tantos Larousses, tantas historias universaes.

São poucos os litteratos que não rabiscam seus estudos criticos, suas historias da litteratura. Tudo por causa da Intelligencia. A mania de tudo explicar, methodizar, organisar, definir, levou o seculo passado aos maiores erros.

* * *

A litteratura dos fins do seculo passado creou typos, conselheiros Acacios caricaturaes, colleccionou factos reaes "tranches de vie", organisou-os, methodizou-os, cortou aqui, augmentou acolá, e quiz dar-nos uma idea real da humanidade. Infelizmente o homem não é tão simples. O resultado foi desastroso: um monte de immundicies. Os paes de familia reclamaram e o realismo expulso de França, fugio para Portugal. Os bons lusitanos receberam de braços abertos o francez foragido. Um cavalheiro de monoculo, inspirado pelo Deus expulso, começou a estampar juncto com sua photographia, formidaveis volumes de seiscentas paginas. I bigodes de Eça de Queiroz morreram e o tuguezes expulsaram o realismo para est terra onde canta o sabiá.

Aqui ainda viveu longos e prosperos : mas seus ultimos adeptos passaram com neste mundo. Hoje não se sabe que fim Dizem que ainda vive entre nós, de expedi mas é mentira. O Realismo morreu e jama daver exhalou tão máo cheiro.

* * *

O Parnasianismo foi outra victima da ligencia do seculo XIX. Foi essa Intelli que construiu a prisão onde quiz encarce poeta. Preso, o poeta era obrigado a es seus sentimentos sublimes, a deformar idéas, cortar, diminuir, fazer o que não q porque á porta vigiavam carcereiros te com pencas de chaves de ouro á cintura.

Coitado de quem dizia o que queria, e queria! Era preciso medir as idéas como s dem fazendas nas lojas de turco.

Naquelles tempos quem não tinha doz mancava. Os parnasianos não podiam c pular, dansar, caminhar livres porque se patos "estavam apertando".

Foi na prisão sem ar que morreu o P sianismo. Não ha prisioneiro encarcerrado, victo, arrastando correntes, que não queira per as cadeias, fugir, bradando um grito berdade...

Esse grito foi o verso livre.

* * *

O verso livre não foi inventado por um lheiro dado á litteratura que querendo " versos" se viu atrapalhado com tantas prohibitivas, não; nasceu ha seculos co sentimento da liberdade nos povos libe pela guerra. Em litteratura tambem ha Tc Slovaquias, Lethonias, Polonias e saladas sas.

Os classicos francezes, La Fontaine so do, já sentiam a necessidade de fugir a xandrino, ao decasyllabo, ao octosyllabo tros neurasthenicos de má companhia.

São os romanticos os maiores revolucio da litteratura, que, fartos da monotonia d xandrino, quebram-no em tres partes disti

Mas Victor Hugo foi apenas um prec coitado.

Foram os symbolistas que compreenderam que a humanidade tambem progride, que as idéas tambem se movem; foram elles que sentiram a necessidade de crear um instrumento novo para exprimir novas idéas. E' aos symbolistas, a Rimbaud, que devemos todas as conquistas da litteratura contemporanea.

* * *

Não se explica em poucas palavras as tendencias da litteratura moderna. E' preciso subir na estrada para automoveis da litteratura.

O Intellectualismo foi o grande factor que creou as obras primas do classicismo. O classico é um intellectual. O prazer que temos lendo um Racine, um Camões, um Goethe, um Dante é um prazer intellectual, intelligente. A philosophia e a litteratura dos seculos passados são dominadas pela Intelligencia. Com a Intelligencia, o unico factor utilizado, os philosophos querem chegar ao conhecimento. O resultado foi quasi nullo.

Deante dessa fallencia Bergson teve a idéa de procurar um outro instrumento: a intuição. Bergson separa a philosophia da sciencia. O mundo da sciencia pertence á Intelligencia. Para conhecer a vida na sua mobilidade perpetua elle utiliza a intuição e o instincto.

O que nos interessa aqui não é o resultado, difficilmente apreciavel, da philosophia do auctor de **"Matière et Memoire"**, basta-nos a sua influencia na Arte moderna. Bergson é directamente e indirectamente um dos autores da nova esthetica.

* * *

A Arte deve abandonar a idéa das cousas forjadas pela Intelligencia, existentes unicamente no nosso cerebro, para confundir-se com a essencia das cousas pela intuição, penetrar no principio de vida e confundir-se com elle. Os classicos olhavam e descreviam com a Intelligencia sem se confundir com o objecto, "ils tournaient autour du pot".

O artista moderno quer uma émoção, uma sensação, uma percepção directa, "um dado immediato" para empregar a linguagem de Bergson.

Cada homem sente duma maneira diversa e o poeta moderno, suggerindo emoções, desperta no leitor sensações diversas das que elle teve mas que vibram mais fortes porque é a propria alma do leitor que vibra.

E' talvez porisso que vendo uma obra moderna o burguez exclama: "Mas eu tambem sou artista!"

O artista moderno não é logico, racional porque não é intelligente. E' no subconsciente que o poeta, o pintor, o compositor, vão buscar a emoção esthetica, lá no subconsciente elles encontram **sua realidade**, a unica que lhes importa. A Intelligencia, já vimos, deforma a sensação, a intuição nunca. Hoje só ha uma escola: a personalidade.

A Arte deve perceber o objecto na sua particularidade, no que nelle existe de "unico e ineffavel" (Bergson). Desse principio nasceu a condensação carateristica das obras contemporaneas. Ninguem têm tempo a perder escrevendo 500 paginas como Zola ou Eça. Contentamo-nos com um traço, uma particularidade que exprime o objecto na sua particularidade e na sua totalidade. Só os oradores de "meeting" fazem ainda phrases. Dessa condensação, dessa ausencia da **"phrase"** nasceu a sinceridade.

Se a poesia contemporanea parece ás vezes incompreensivel, se o poeta emprega symbolos obscuros, imagens imprevistas é porque elle é sincero, diz o que pensa e o que sente com o seu vocabulario sem procurar o effeito que produzirá sua obra. O poeta não namora o publico, deixa-se namorar, é muito mais interessante. A compreensão só têm uma importancia social.

Não se deve rir de um poema dadaista, caçoar de um quadro cubista, e não se deve nunca dizer: "não gosto". Não se "gosta" de arte moderna. Gosta-se de empadinhas de camarões, de bombons, de mulheres gordas, mas não se gosta de arte moderna: Compreende-se. Quem não compreende deve ficar quieto para evitar asneiras.

Brunetière quando leu os primeiros versos de Mallarmé disse: **"Je ne comprends pas; peut-être cela viendra un jour"**. Estou convencido de que, se tivesse vivido mais alguns annos, procurando entender, teria sentido a belleza hermetica do grande poeta.

O grande erro da critica contemporanea é considerar as obras modernas como definitivas. Nós não vivemos numa épocha de realisação. Os dadaistas, cubistas, futuristas, unanimistas, bolchevistas, espiritas são apenas precursores de uma nova arte, de uma nova organisação politica, de uma nova sciencia, talvez de uma nova religião.

Nós, como o caboclo "tacamos fogo na mattaria" porque não se planta sem derrubar. As chammas sobem altissimas, fogem assoviando serpentes fascinadoras. Só ficam os jequetibás, jacarandás, guajussáras, cabreuvas, timburys. E á sombra das arvores enormes a plantação cresce. Felizes os que vierem depois de nós para colher o que plantamos!

RUBENS DE MORAES

14 Chronicas

MUSICA DESCRIPTIVA

A Sociedade de Concertos Sinfónicos é inegavelmente a mais util corporação musical de S. Paulo. Sob o ponto de vista da educação publica por meio de audições — entende-se. E então quando o grupo orquestral é dirigido pelo irrequieto mas habil sr, Raymundo de Macedo, è um prazer ouvir-se um concerto dessa Sociedade. No programma de 14 de Julho passado incluira-se o bastante afamado poema sinfónico de Liszt: Mazeppa. Já conheciamos de leitura o principe da Ukrania, e o façanhudo galope em que fôra incorporado, muito provavelmente.. malgré-lui. Mas, como estamos convencidos de que a mu'sica tem uma força sugestiva maior que a palavra, alimentavamos, quando iamos para o Municipal, a impaciente esperança de ver o ilustre caso que permittiu a Victor Hugo mais uma antitese de muito efeito:

"...il court, il vole, il tombe
Et se relève roi!"

E Mazeppa começou a correr montado no seu cavalo e nos violinos. Não porém antes dum extranho e rapido barulho de metais, que todo nos arripiou. Segundo reza o indice pragmatico do poema o barulho significa uma chicotada. Força é confessar, o tal acorde nos surpreendeu agradavelmente. Não vá, pensámos, a orquestra ter errado a partitura, e aberto, por um desses felizes acasos, uma partitura moderna de Milhaud ou Malipiero. Infelizmente não se dera engano. Não era um simples efeito orquestral e musica legitima. Era bem uma descripção pseudo-musical e pseudo-literaria, dos feitos que muito pouco nos interessam do heroico e defunto principe sr. Mazeppa. Aquillo era uma chicotada. E os violinos começaram a galopar. Mas será mesmo o galope, pensámos inquieto? Quem sabe si estamos interpretando errado a intenção de Liszt. Pode muito bem ser o relincho do cavalo, ou, pois que Liszt seguiu a balada de Hugo,

"...des troupeaux de fumantes cavales"...

E si fosse a ventania? E' muito possivel. O cavalo, levado pela nostalgia, retorna para o pais natal, atravessando as planicies da Polonia. Ora nas planicies geralmente ha muito vento... E' possivel que seja o vento na planicie... "Le vent dans le plaine".. mo é lindo êste preludio de Debussy. é sugestivo. Tambem descreve... Não: sugere. Mas usa elementos descriptivo verdade, mas de maneira tão vaga, e p talvez tão mais possante. E, relembr com prazer as segundas murmuras de D que cresciam, cresciam como um vento do que vem de longe, furando as nuvens e cinzentas. Uma vaga recordação das da Normandia, que nunca vimos, bailou e sa sensação... Mas o barulho cresce orquestra recordou-nos que estavamos c pelas planicies da Ukrania. Sim, já de estar na Ukrania que diabo! O cavallo tres dias, mas a orquestra, não podia lev dias galopando. Isso só è possivel aos cav lenda e aos cavalos da Ukrania. Mas teria sado tres dias ou dois dias. Nos. si fo Liszt, teriamos aumentado a orquestra r ca; colocariamos um sineiro que batesse t zes seguidas as vinte quatro horas de ca dos tres dias, sem, como pormenor realist quecer as meias horas e os quartos. As menos o ouvinte poderia saber em que galope estava. Quem sabe si era o mome corvos?

..aux cavales ardentes
. . .
Succèdent les corbeaux!"

Mas qual! a música não dizia nada! linos arquejavam! Os violoncelos prodig O sr. Raymundo de Macedo fazia gesticulantes, para bater o compasso trastando desagradavelmente com Mazep não podia conter o ginete desbriad associação de imagem, com ver o sr. Ra de Macedo, lembramo-nos de Sacadura Gago Coutinho.. E' verdade! o p annunciava a presença dos dois illustres res... Onde estarão? Percorremos com ta os camarotes e as frisas... Nada. tei a um amigo que se sentara a meu Tambem não os vira... — Já viste os h — Não; e tu? — Tambem não. Ha d que cheguei da fazenda. — Que foste lá — Gosar as férias. — Felizardo! eu quei. Não pude abandonar o trabalho vais ter tambem 2 mezes de férias. — Q — Pois não és reservista? — E' verda Tu vais? — Vou tambem. — Dizem

rão mandar para o Rio Grande... — Não sei. Mas com este chinfrin... — E o Hermes, hein? — Parece incrivel que ainda se acredite no Hermes. — No Brasil esquece-se depressa. — Que ridiculo! perto do Centenário... — E dizem que o Graça Aranha.. — Não fales do Graça. Sabes muito bem que sou amigo dele. — Pois vou escrever para a "Folha do Noite", pondo a culpa da revolução em vocês, futuristas... — Cala a boca! Ouve a música!

Mazeppa... é muito provável que tivesse parado o galope. Os violinos descançavam. Depois houve um bailarico na orquestra. Engraçadinho. Depois ouve uma fanfarra. E acabou, numa barulheira de todos os executantes. Aplausos. A orquestra era digna dos aplausos. Tambem batemos nossas palmas sinceras. Repetiu-se o bailarico e a barulheira. Naturalmente Mazeppa recebia do azar o seu titulo de principe da Ukrania. E provavel, tantos metais!... E recordei-me dum verso do "Mazeppa" de Byron, que cantava irónico nos meus ouvidos, entre as fôrças desencadeadas da orquestra: "When truth had nought to dread from power"...

R.

LIVROS & REVISTAS

Bngrinha — Afranio Peixoto

Livraria Castilho — Rio de Janeiro-1922

Livro tristonho. Quando iniciará o Brasil a literatura da alegria? Páginas de amor e rusgas que não terminam mais. Para divertir o A. divide o assunto em dois. Ha o amor de Jorge e Bugrinha e a anedocta da festa do Divino. Mesmo dualismo da Esfinge. Mais ou menos tambem como em Fructa do Matto. O A. se repete. Não faz o minimo esfôrço para progredir. Para que? Já pertence á Academia — pináculo da ambição literária do pais.

Ha um capitulo maravilhoso, verdadeira obra-prima de verdade e comoção: è o XVI. O resto.. No fim do livro Bugrinha morre. Que pena! Tão simpáatica !Mas Bugrinha é ainda um livro regular. Lê-se até o fim, contanto que se possam aquelas tiradas eloquentes sobre o diamante, o progresso e outras coisas pouco romanescas.

Enfim, sem muito relevo, o A. nos presenteia com uma pedaço tristonho e ridicula da vida. Convidamos o snr. Afranio Peixoto a definir a palavra ficção.

J. H. de A.

Despertar — Hermes Fontes
Edic. Jacinto Ribeiro — Rio 1922

O grande poeta satirico brasileiro (o maior poeta vivo do Brasil na pesada opinião do snr. João Ribeiro) Hermes Fontes publica mais um volume de satiras: "Despertar".. Desde "Apoteoses" que o ilustre sergipano, seguindo a traça que a si mesmo se impos, vem com as suas impiedosas satiras, provando sobejamente quanto a rima e os ideais parnasianos envelheceram e não se prestam mais para notar liricamente os nossos dias. Cremos todavia que já é tempo do celebre vate escrever os versos liricos que de seu estro é licito esperar. Mas não ha duvida que "Despertar" representa o cúmulo da perfeição satirica. Nunca jamais se conseguiu apresentar a rima em tanta ridiculez. Nunca jamais se conseguiu provar como é comico equiparar as coisas comuns com as nobres e adormecidas coisas do passado. Desfilam, impiedosamente, trôpegas e senis, todas as personagens da mitologia e da ficção. E' admiravel de comicidade. O sr. João Ribeiro tem razão. Hermes Fontes è superior a Gregorio de Mattos a Bastos Tigre. Um exemplo. Eis como o sr. Hermes Fontes nos representa Pery:

"Rude, Apolio sem lyra, Orpheu bisonho
Hercules virgem, Tantalo risonho..."

Mais adiante Pery "é um fakir... e è um titan!"

"Filhos de Zeus, que thorax apollineo!
E que excelso caracter, rectilineo,
O' Budha, nesse coração virgineo
que ama, e espera Tupan!"

Mais adiante ainda o poeta compara Pery a Prometheu...

Castro Alves é tambem
"Orpheu — Vulcano, Prometheu — Adonis!"

O caipira é "Attila rustico! Hercules-Quasímodo!"..

Moema é "Virginal Dido-Elissa" e
"Pobre Ophelia aborigene!"

Mas Caramurú é Eneas"...

Levado talvez pela perniciosa influencia dos "futuristas" de São Paulo, o sr. Hermes Fontes deu para escrever imagens exageradas. Aconselhamo so maior poeta vivo do Brasil a que se liberte de má companhia. Os futuristas de São Paulo são uns moços sem ideal, mais do dominio da patologia, que por serem ignaros e burros, tornaram-se cabotinos; e, seguindo as teorias de Marinetti (coisa que já vem criando bolor ha 13 anos) imitam e copiam, no doido afan de se tornarem celebres. Coitados! O renome de escândalo que alcançaram apodrecerá mais cedo

ainda que os membros doentes desses copiadores. Tome cuidado o famoso Apollo-Victor Hugo-Lamartine-Leopardi — Dante — Casimiro de Abreu, não imite os futuristas de São Paulo e não escreva mis assim:

"Cantor das harmonias retumbantes!
Cavaste um thorax fundo em cada abysmo
e plantaste os pulmões de cem gigantes",

nem assim:

— beijo da terra-firme ao volúvel Oceano
dado á boca da América impaciente,
como a tragar o cacho de uvas das Antilhas"

Mas onde realmente o exagero é enorme e não se tolera é quando diz que o caipira:

"ama o cavallo, que o conduz ainda,
— seu verdadeiro irmão irracional..."

E' forte! E' demais! Insultar o cavalo — animal nobre, ardente, viril — irmanando-o ao caipira! Não se tolera! E' futurismo de que desejaríamos ver escoimada a obra satírica do sr. Hermes Fontes, o maior poeta brasileiro vivo, no dizer do seu amigo e conterráneo sr. João Ribeiro.

M. de A.

RECEBEMOS:

Nouvelle Revue Française — numerod e Junho — Interessante artigo de Roger Allard sobre Marcel Proust moralista — Um capitulo inedito de Dostoïewsky — Versos de Paul Alibert — Romance de Jean Schlumberger — Reflexões sobre a literatura do Midi por Albert Thibaudet — Um bello artigo de Benjamin Crémieux sobre Pierre Benoît, analysando pormenorisadamente o discutido autor da Atlantide — Chronicas, etc.

La Crée — Boa revista com collaboração escolhida — Entre outros nomes: Han Ryner, León Franc, Marcel Millet, Paul Myrriam — Convem citar: Bain, de Marcel Millet e Propos sur le quai de León Franc.

Lumière — n.o 9-10 — Junho e Julho — Consagrado á Russia este numero da moderna revista belga traz uma collaboração variadissima em prosa, verso e gravuras. Entre outros nomes: René Arcos, Roger Avernaete, Balzazette, Jean Richard Block, Georges Chennevière, Bob Claessens, Duhanmel, Lebesgre, Maïaskowsky, Marcel Millet, León Tolstoy inedito, Vildrac, Zweig, Joris Mime, etc...

Klaxon applaude o gesto de sua irmã em favor do grande povo russo. Applaude e felicita.

PINTURA.

(EXPOSIÇÃO Viani)

Klaxon visitou a exposição de pin prof. Viani. Inesperada e deliciosa. moderna. O bom liquido consolou a já secca. E **Klaxon** poude sentir-se co forças para continuar a gritar.

Os desenhos a penna, coloridos a oleo da influencia inoccultavel de Steinlen, gnificos. As vidas que o artista remem pitam numa atmosphera estranha que segue aos poucos alargar pelo seu poder sivo, até rodear-nos completamente, p lhor sentirmos essas vidas. Pelos **Venditori ambulanti, Al Convento, Va Le Pinzocchere e Vela Latina**, a gen avaliar como é solida a potencia arti expositor, nesta face de seu talento.

Tambem são bastante vigorosos e in nantes os desenhos "a fusain", impre guerra. Nesse genero, entretanto, pa que Viani deseja ou faz pensar que de em relevo mais a sua originalidade do talento e suas tendencias. Elle tenta fi lado, em vez de deixar que se libertem torrentes naturaes.

Mas, para nossa opinião, o melhor artista apparece nas suas xilographias. la cabeça do pintor Mantelli só póde ser grande artista moderno. Um artista qu prehende como é bello e sabe estam traços da phisionomia o enredo multipl o go qu ea vida moderna crea e esconde mente no interior dos homens. Em **Il Ni andante, Il Naufrago, Preoccupaioni e V te in riposo**, são de apreciar-se a firm linhas, a poesia das attitudes e princip o vigorlivre da imaginação. Taes pro certamente não saem de um espirito mas de uma intelligencia bem arejada, e moça, que recebeu e soube receber os cios de todos os raios solares.

Klaxon, levado pelos braços tão solici nossos jornaes, foi procurar, pelo unico reço neles indicado, a exposição Benedett tretanto (extranha cousa!), por uma feli cidencia, veio encontrar no mesmo loga posição **Viani.** Tambem o bom Saul ac throno quando procurava as jumentas pae.

C. A. d

LUZES & REFRACÇÕES

No ultimo número de KLAXON dois e pographicos truncaram lamentavelmente go do nosso colaborador Mario de Andrad

a pianista brasileira Guiomar Novaes. Pedimos desculpas aos leitores. Lerão á pg. 8, linha 39.a da 1.a columna: "Como tal 2 aspectos especiais apresenta: a fantasia exaltada e a sensibilidade que transborda em excessos sentimentais, etc" E á pg. 9, última linha da 1.a columna: "... a energia de sustentar? Não. E nisto... etc."

Os nossos leitores devem lembrar-se que lhes recomendámos como productos magnificos da nossa industria: o chocolate Lacta e a bebida Guaraná. Efectivamente tanto um como outra eram magnificos. Acontece porem que se tornaram detestáveis. Aconselhamos pois áos nossos pacificos leitores o uso de outros productos magnificos da industria nacional. E' possivel porem que o chocolate Lacta e a bebida Guaraná voltem outra vez á antiga excellencia que perderam. Nós, como únicos representantes do mais alto gôsto paulista, publicaremos então gostosamente annuncios novos desse refresco e desse chocolate. Mas enquanto a casa productora não nos der mais anuncios (ela que desperdiça gordos lucros em gritar sua fabrica pelas folhas diarias de muito menor circualção que nossa revista, como o Estado de S. Paulo e o Jornal do Commercio) é certo que Lacta como Guaraná são de pessimo sabor e fazem mal á saude. KLAXON que, em sua já longa e benéfica existencia, sempre corroborou para a milhoria da saude publica ávisa pois os seus leitores: NÃO COMAM LACTA NEM BEBAM GUARANA', enquanto essas marcas não dos derem anuncios. E publicaremos mesmo, prazeirosamente, qualquer comunicação de enfermidade de qualquer natureza, provocada por êsses ingratos ingredientes.

"Não ha nada como um dia depois de ourto"... Os leitores da KLAXON recordam-se da Semana de Arte Moderna, contra a qual um grupo de maltrapilhos cerebrais tanto ladrou e cocoricou? Pois entre os artistas ladrados estava o músico de nome Villa-Lobos — uma das admiráveis contribuições com que o Rio de Joneiro fortificou nossa emprêza. No último concêrto de Rubinstein (23 de Julho) incluira-se, entre os números do programma a serie das Bonecas do musico de nome Villa-Lobos. E eis o mesmo público paulista extasiado ante essas composições, bisando mesmo o "Polichinelo" E no fim do concêrto eram vozes e vozes a gritar: "Villa-Lobos! Mais Villa-Lobos!" Rubinstein dava Villa-Lobos. E a assistencia aplaudia, aplaudia. Sem comentários. Apenas: "Não ha nada como um dia depois de outro". Mas acredite o público ignorantissimo e inconsciente: o grande artista carioca nada se orgulhará da consagração. Ele sabe que si de novo, numa outra indesejável Semana de Arte Moderna, aparecesse no palco do Municipal o músico de nome Villa-Lobos, entre ladridos, clarinadas e assobios, de novo o publico sapientissimo dar-lhe-ia as de Villa-Diogo.

Na "Careta" (22 de Julho) confunde ainda o espirito de actualidade de KLAXON com o futurismo italiano um snr. Lima Barreto. Desbaretamo-nos, imensamente gratos, ao ataque do clarividente. Mas não è por causa da estocada que estamos gratos. Esta apenas nos permitiu sorrisos de ironia. Pois estamos bem acasteiados, de metralhadoras armadas, e iá nos surge pela frente, a 20 metros, um ser que, empunhando a antiga colubrina, tem a pretensão de nos atacar! Colubrina? Qual! A colubrina é uma espada muito nobre do passado. E' uma navalha que traz o atacante. Qual navalha! O snr. Lima Barreto, como escritor de bairro, desembocou duma das vielas da Saúde, gentilmente confiado nas suas rasteiras. E foi uma rasteira que imaginou nos passar. Mas com franqueza, snr. Lima, uma rasteira a 20 metros! Só mesmo si o erudito critico possuisse pernas iguais em comprimento ao "nariz" de Mafarka... Mas as pernas (espirituais) do atacante apenas têm 10 centimetros!... Foi por isso que esmoçámos aquele "sorriso de ironia" atrás denunciado. Mas ainda não dissemos o que nos deixou gratos para com o estudioso conhecedor da literatura universal... Foi isto: o snr. Lima Barreto assinou seu artigo. Enfim! Até agora, deante da arte modernizante, só um homem tivera a coragem de sua ignorância: o inefável dramaturgo da "Allemanha Saqueada", snr. Mario Pinto Serva, cujo nome é sempre com prazer por nós invocado. Pois, ao snr. Mario Pinto Serva, Mario Pinto Serva, oh! que nos seja permitido mais uma vez repetir: MARIO PINTO SERVA, reune-se agora o snr. Lima Barreto. O primeiro, snr. Serva, chamou-nos de loucos, de cabotinos, ele que nestes Brasis de tantos problemas irresolvidos, escrevera um livro sobre a Allemanha — livro muito comprado pelos fregueses da Deutsche Buchhandlung da ladeira Dr. Falcão e que até foi traduzido para o tudesco. Nosso colaborador Mario de Andrade tambem escrêveu sobre o forte Bildhaner Haarberg, um artigo que tambem foi traduzido para o alemão.) O segundo, o snr. Lima, chama-nos de descobridores do futurismo "do il Marinetti" (O snr. Barreto é incontestável a respeito de artigos!) E cansado com o descobrimento eis o snr. Lima azedo, obfurgatoriando, mais ou menos com razão, contra Marinetti. Mas que temos nós com o italiano, oh! fino classificador? Mas o herbolário carioca sabe que certos arbustos naturais de Italia e da mesma familia de apenas **alguns** registrados em KLAXON, são comuns á Russia, á Austria e á Alemanha Saqueada... Em todo caso, simpático, nenhuma hostilidade aos moços que fundarám snr. Lima, como seu artigo "não representa KLAXON" amigaveimente tomamos a liberdade de lhe dar um conselho: Não deixe mais que os rapazes paulistas vão buscar ao Rio edições da Nouvelle Revue, que, apesar de numeradas e valiosissimas pelo conteúdo, são jogadas como inúteis em baixo das bem providas mesas das livrarias cariocas. Não deixe tambem que as obras de Apollinaire, Cendrars, Epstein, que á Livraria Leite Ribeiro de ha uns tempos para cá (dezembro, não é?) começou a receber, sejam adquiridas por dinheiros poulistas. Compre êsses livros, snr. Lima, compre êsses livros!